

Bibliografia do Autor

CONTOS DA SÉTIMA ESFERA
Lisboa: 1981

CASOS DO BECO DAS SARDINHEIRAS
Lisboa: 1981

O LIVRO GRANDE DE TEBAS, NAVIO E MARIANA
Lisboa: 1982

A INAUDITA GUERRA DA AVENIDA GAGO COUTINHO
Lisboa: 1983

FABULÁRIO & ETC
Lisboa: 1984

ERA UMA VEZ UM ALFERES
Lisboa: 1984

CONTOS SOLTOS
Lisboa: 1986

E SE TIVESSE A BONDADE DE ME DIZER PORQUÊ
Lisboa: 1986

A PAIXÃO DO CONDE DE FRÓIS
Lisboa: 1986

OS ALFERES
Lisboa: 1989

QUATROCENTOS MIL SESTÉRCIOS seguido de O CONDE JANO
Lisboa: 1991

ÁGUA EM PENA DE PATO, TEATRO DO QUOTIDIANO
Lisboa: 1992

UM DEUS PASSEANDO PELA BRISA DA TARDE
Lisboa: 1994

ERA BOM QUE TROCÁSSEMOS UMAS IDEIAS SOBRE O ASSUNTO
Lisboa: 1995

APUROS DE UM PESSIMISTA EM FUGA
Lisboa: 1999

SE PERGUNTAREM POR MIM, NÃO ESTOU seguido de HAJA HARMONIA
Lisboa: 1999

CONTOS VAGABUNDOS
Lisboa: 2000



Esta sessão de “Conversas com a Escrita”
é uma proposta da
Câmara Municipal do Seixal
e da Editorial Caminho,
para que possa ouvir
e conversar sobre a obra do escritor
Mário de Carvalho

Biblioteca Municipal - Fórum Cultural
Quinta dos Franceses
2840-499 Seixal
Tel: 212 226 411/2
Fax: 212 226 419

PRÓXIMA SESSÃO:

MIA COUTO - Fevereiro (dia a anunciar)



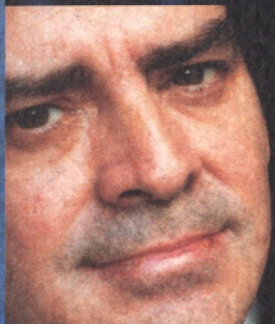
Mário de Carvalho

Apresentação da obra

Contos Vagabundos

3 de Fevereiro de 2001
16.00h

Biblioteca Municipal - Fórum Cultural
CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
EDITORIAL CAMINHO



Nota Biográfica

Mário Costa Martins de Carvalho nasceu a 25 de Setembro de 1944 em Lisboa. Até aos três anos viveu em Setúbal, tendo, a partir daí, decorrido o resto da sua infância e adolescência em Lisboa. Já no liceu, o gosto pela leitura tê-lo-á levado à edição de jornalinhos escolares. Nessa época a leitura ocupava um espaço relevante e efectivo nos tempos livres dos jovens e Mário de Carvalho não era excepção. Os livros da biblioteca familiar, particularmente os de Mark Twain, Salgari, Conan Doyle, as aventuras de Rocambole e dos heróis dos fascículos do *Cavaleiro Andante* e do *Mundo de Aventuras*, foram as suas leituras iniciais. Mas não são apenas o fantasioso, a ficção que marcam as memórias de adolescência de Mário de Carvalho. Ser-se do *pró ou do contra a situação* irrompeu, por essa época, nos liceus, a pretexto da candidatura presidencial de Humberto Delgado. A política entra assim, e nessa altura sem grandes consequências, na vida do nosso autor mas, logo no ano seguinte, em 1959, com contornos bem mais dramáticos: o seu pai, militante comunista, é preso e as visitas ao pai às prisões do Aljube e Caxias passam também a fazer parte da sua vida.

Não surpreende pois que, nos anos 60, tendo ingressado no curso de Direito da Universidade de Lisboa, inicie actividade política no âmbito das lutas travadas pelo movimento estudantil e tenha aderido ao Partido Comunista Português. É na sequência da sua actividade e militância política que surge a sua prisão, que aconteceu enquanto prestava o serviço militar, experiência até hoje marcante, particularmente pelo testemunho de comportamentos humanos inesquecíveis: *"Penso que alguma coisa me lesou. Tenho sensações positivas, também, de grande fraternidade. E tenho outras muito desesperadas... Mas não me esqueço (...) das misérias a que assisti e também do contrário disso: da gente magnífica que conheci, e*

não me estou a referir necessariamente a gente conhecida, mas a gente muito simples, do povo, extremamente fraterna, extremamente corajosa, cujo comportamento eu nunca esqueço". Tendo entreposto um recurso, obteve a liberdade provisória e, nesse período precário, realizou o seu estágio de advocacia, pois a confirmação da sentença remeteu-o à cadeia de onde só viria a sair quando conseguiu a liberdade condicional. A iminência de vir a ser colocado na Companhia Disciplinar de Penamacor, a que se seguiria, com grande probabilidade, ser enviado para a guerra colonial, possivelmente para teatros de combate e actividades de particular risco, destino reservado aos jovens militares opositores, levou-o a emigrar para a França e Suécia, sendo ali que se encontrava no 25 de Abril.

De regresso a Portugal, exerce actividade de advogado e jornalista e, em 1981, inicia uma reconhecida e premiada carreira literária que, neste momento, prestes a cumprir 20 anos de existência, conta com dezassete títulos editados, e muitos deles traduzidos, para além de várias peças suas terem subido à cena e ter produzido vários guiões e adaptações para o cinema e televisão. Mário de Carvalho tem também uma vasta colaboração em vários jornais e revistas (*Mar; Peste; Eldorado; Ruínas; O Ponto; Diário de Lisboa; O Diário; O Jornal; Arestas; Vértice; Colóquio/Letras; Signo; Diário de Notícias; Público; Expresso; Visão e Jornal de Letras*) e está representado em diversas antologias portuguesas e francesas.

Data de 1981 a edição do seu primeiro trabalho literário no volume antológico da revista temática *Mar*, ano em que são também dados à estampa *Contos da Sétima Esfera* e *Casos do Beco das Sardinheiras*. Estes primeiros livros e o seu autor são eloqüosamente saudados pela crítica, que considera serem os *Contos da Sétima Esfera* uma obra que "impressiona

desde logo pela revelação de um universo pessoalíssimo e intransmissível". É esta apreciação conserva-se plena de actualidade e propriedade relativamente ao que foi e é a produção regular, por Mário de Carvalho, de uma obra conceituada e amplamente premiada: *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana* (1982) vence o Prémio Cidade de Lisboa; *A Paixão do Conde de Fróis* (1986), um romance de recorte histórico, ganha o Prémio D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus; *Quatrocentos Mil Sestércios* (1991) obtém o Grande Prémio do Conto da Associação Portuguesa de Escritores e *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde* (1994), o seu livro mais galardoado e que já vai na sétima edição, foi distinguido com o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio Fernando Namora e o Prémio Pégaso da Literatura. O romance seguinte, *Era Bom Que Trocássemos Um Ideias sobre o Assunto* (1995) revelou-se um sucesso em termos de público e de crítica.

Nesta sessão de "Conversas com a Escrita", teremos a oportunidade de receber Mário de Carvalho, de com ele comemorarmos os seus vinte anos de carreira literária e de o ouvir apresentar e connosco conversar sobre o seu mais recente livro: *Contos Vagabundos*, um género particularmente cultivado pelo autor. Este seu livro, algo paradoxal e fantástico, habitado por personagens caricaturais em seus curiosos pequenos mundos, ora perturbantes ora aparentemente inverosímeis, de alguma forma retoma, com ironia, uma duradoura inquietação que, particularmente desde os anos 40, se instalou em muitas obras representativas da literatura ocidental: o sentimento de crítica e absurdo que reflectem sobre a existência e uma certa desordem e esquizofrenia da vida social e dos indivíduos.

Mário de Carvalho Contos Vagabundos

Editorial Caminho

«O espaço era grande, tortuoso, metia muito para dentro. Tropecei no que me pareceu ser um amontoado de tijolo burro, muito esfarelado. Marília perguntava se havia morecos. "Só se forem morecos com penas", disse o algarvio. Por uma abertura, passámos a uma sala ampla, com ecos a rebentar por todos os lados. Era frio e húmido. A luz pôs-se a saltitar sobre o que parecia ser um baú de pedra que nunca mais terminava, ao correr da parede rochosa. "Vejam-lhe o boneco", ordenou o homem e apontou a luz para uma das extremidades. Debruçámo-nos. Em baixo-relevo, muito nítido, ainda com restos de cores fortes, uma carantonha emplumada, de aspecto pouco recomendável, olhava para o tecto de onde pendiam estalactites. "É um índio", precipitou-se Raul. O foco foi deslizando, metro a metro, dois, três, quatro, e mostrou uma armadura, um escudo, uma maça de armas, uns joelhos cobertos pelo reborbo superior dumas grevas. "Um índio, uma ova, não havia índios de armadura." As minhas mãos foram tacteando o reborbo abaulado. Sentiram uma fissura. Havia uma tampa. Um sarcófago. Mas Raul dava agora um grito: "Eh, pá, caracas." Aproximei-me do foco de luz, que, por uma abertura, provocada pela deslocação da tampa de pedra, mostrava ossadas, ainda branquejando no escuro. Tarso, metatarso e falanges, quase intactos, e do tamanho do meu braço e antebraço estendidos. Todos recuámos. Com o encontrão, a luz dispersou-se e errou pelo recinto, revelando montes de lixos antigos, uma estela, uma rodela decorada de incisões que fazia lembrar uma mó de pedra. Era o túmulo dum gigante. Mas Marília advertia: "Isto não é possível, pura e simplesmente, não é possível." No entanto, foi ela quem, com dedo trémulo, decifrou os primeiros caracteres da estela, espiralados em linear B: "Goliath"! E, mais à frente, "Phylistin". Estávamos no túmulo do gigante Golias, morto à pedrada por David. Os filisteus tinham-no sepultado aqui. É sempre a Portugal que tudo vem dar. E eu, recolhi-do, pedi: "Haja respeito."»